

FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS PARA O LAZER: SABERES E COMPETÊNCIAS

LEILA MIRTES SANTOS DE MAGALHÃES PINTO

Licenciada em Educação Física pela UFMG. Mestre em Educação Física: Recreação/Lazer pela Unicamp. Doutoranda em Educação pela UFMG. Membro do Celar (Centro de Estudos do Lazer e Recreação) da UFMG. Telefone/Fax: (31) 3484-4302; 9983-2547.

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar sentidos da educação para o lazer na escola brasileira, tendo em vista discutir saberes e competências fundamentais para a formação de educadores e educadoras. A partir de duas tendências educacionais, inicialmente identificadas, o estudo, em um segundo momento, analisa saberes e competências que têm desafiado a formação de educadores e educadoras para atuar no lazer compreendendo-o como fenômeno social, componente da cultura historicamente situada, vivenciado em tempo e espaço disponíveis para o lúdico.

PALAVRAS-CHAVE: educação; lazer e formação de educadores e educadoras.

É crescente a presença da palavra *lazer* no discurso cotidiano contemporâneo. No entanto, são muito reduzidas as discussões sobre a formação de educadores e educadoras para o lazer.

QUE SENTIDOS TÊM O LAZER E A EDUCAÇÃO PARA O LAZER NO CAMPO EDUCACIONAL BRASILEIRO? O QUE É IMPORTANTE CONSIDERAR NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES E EDUCADORAS PARA O LAZER?

O lazer como fenômeno historicamente constituído requer ser pensado a partir de um dado contexto social¹. Na modernidade, o sentido de lazer constituiu-se a partir dos movimentos trabalhistas, sobretudo ingleses, que, no contexto da Revolução Industrial em fins do século XIX, simbolizam a revolta contra a escravidão econômica. Várias obras evidenciam a luta dos trabalhadores contra as longas jornadas de trabalho que, muitas vezes, chegavam até a 14 horas (Werneck, 2000).

Como fruto desses movimentos, em vários países, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, foi estabelecida a jornada de oito horas de trabalho, instituído o repouso semanal remunerado e asseguradas as férias anuais.

No Brasil, o lazer é reconhecido como direito social pela Constituição Brasileira de 1988, nos seus arts. 217 e 227. O reconhecimento do direito ao lazer é, pois, algo recente para a sociedade brasileira. O próprio termo lazer só foi incorporado ao nosso vocabulário comum a partir de 1970.

Mas, desde a mais antiga Escola Normal do Brasil – criada em 1835 –, propostas educativas para o lazer vêm sendo desenvolvidas no campo da educa-

1 Dados extraídos de Pinto (2001) mostram que "na Antiga Grécia o ócio (*schole*), como significado atrelado ao lazer, era considerado relevante atividade da qual desfrutavam os homens livres, especialmente os filósofos. Como atividade que partia da alma (*psique*) e possuía alguma finalidade, o lazer tinha o sentido oposto ao de ocupação (*ascholia*). Para Aristóteles, lazer implicava paz, prosperidade e o entendimento do uso adequado desta atividade. Na Antiga Roma, o termo latino *otium* (ócio) referia-se à possibilidade de descanso, recreação, diversão, distração após o *neg-otium* (negócio) – tempo onde os indivíduos conquistavam, organizavam ou construíam. O *otium* não era considerado um tempo com um fim em si mesmo. Roma introduziu a diversão para as massas, utilizando os espetáculos organizados nos dias de festas como instrumento de manipulação. Para a classe dominante do 'pão e circo', a diversão popular constituía meio eficaz de despolitização do povo, reduzido à condição de mero espectador. Na sociedade feudal, o lazer transforma-se em ociosidade, com sentidos de fraqueza física e moral, vadiagem, pecado (Munné, 1980). É interessante observar que, atualmente, ócio é um termo articulado ao sentido de lazer com significado da opção pelo uso do tempo disponível em atividades de contemplação. Ociosidade é um termo que não representa a livre escolha do sujeito para viver o lazer. Na ociosidade, por sua vez, há a falta da operosidade, como mostra, por exemplo, o tempo do desempregado" (Marcellino, 1995).

ção formal em nosso país, com significativos reflexos na educação não-formal² e nas mudanças culturais em nosso meio.

COM QUE SIGNIFICADOS VÊM SENDO CONSTRUÍDAS EXPERIÊNCIAS DE EDUCAÇÃO PARA O LAZER NO BRASIL?

Historicamente, as intervenções educativas para o lazer em nosso país têm sido articuladas com a recreação e seguem duas tendências, refletindo a polissemia destes dois termos³.

EDUCAÇÃO PARA O LAZER: PRIMEIRA TENDÊNCIA

Esta primeira tendência de educação para o lazer volta-se ao entendimento de lazer como mercadoria, aliando-se ao sentido de recreação como *recreationem* (entretenimento) e *recreatio* (recreio). O lazer é carregado do sentido de atividade, cumprindo com as funções de descanso, divertimento e desenvolvimento social com fins moralista (canalização das tensões e redução dos problemas sociais, atuando como válvula de escape e segurança da sociedade), compensatório (manutenção do *status quo* e descanso voltado à recuperação da força de trabalho) e utilitarista (instrumento de paz social e de mercadoria – entretenimento que demanda o consumo de atividades, bens e serviços).

Nesta perspectiva, o cotidiano deixa de ser considerado como rico em subjetividade possível e torna-se “objeto” da organização social. A recreação e o lazer integram-se ao consumo dirigido, requerendo não apenas a organização do cotidiano, mas também a sua programação. A importância da recreação mede-se pela sua capacidade de “estruturar” racionalmente o lazer: os tempos, espaços e ações culturais de entretenimento. Com isso, a estratégia mais utilizada passa a ser

2 Ocorrendo em contextos educativos diferentes, a educação formal (desenvolvida nas escolas) e a não formal (desenvolvidas em prefeituras, clubes, empresas, ONGs e outras instituições) constituem processos de ensino e de aprendizagem organizados que definem pedagogicamente seus procedimentos: seleção de conteúdos, metodologias, critérios de avaliação adequados aos seus fins e objetivos. No entanto, a educação não formal caminha mais livremente que a formal no atendimento aos interesses de grupos sociais/educandos pela aquisição de conhecimentos e de habilidades (Gohn, 1999).

3 As palavras “recreação” e “lazer” foram difundidas no Brasil com significados contraditórios. Na língua portuguesa o termo lazer foi produzido pelo vocábulo latino *licere* – lícito, permitido. A recreação foi proveniente dos termos latinos *recreare* – recriar, renovar, construir vida nova –, *recreatio* – recreio, divertimento – e *recreationem* – entretenimento, divertimento, distração, descanso (Pinto, 2001).

a institucionalização da recreação como ação, tempo e espaço específicos, estratégia legitimada pela política educacional de *educação para o lazer pela recreação orientada*.

O lazer, passando a ser compreendido com o sentido de consumo de atividades recreativas organizadas, supervisionadas e difundidas por intervenções educativas desenvolvidas em tempos e espaços diferentes, especialmente na escola, é atrelado ao sentido de “tempo livre” ou “tempo disponível”⁴.

Na primeira Escola Normal do Brasil (1835) a recreação fazia-se presente como jogos de recreio escolar (Nogueira *apud* Pinto, 2000). E, de lá para cá, especialmente considerando-se as experiências da Educação Física escolar, a recreação tem sido articulada de modo peculiar, pois se, por um lado, sua presença no cotidiano escolar desde o século XIX representa movimento de inovação pelo discurso de “educação para o tempo livre (lazer)”, revela, por outro, o silêncio das propostas curriculares quanto à temática lazer, escondendo a própria palavra recreação por desvalorização e/ou preconceito em relação aos seus sentidos. Esses dados revelam o “sucesso” do projeto educativo historicamente construído no Brasil, voltado, sobretudo, à formação para o trabalho.

Contribuindo para o estreitamento de pactos sociais entre as esferas da Economia, do Estado, da Igreja e da Escola, dentre outras instituições, a educação para o lazer pela recreação desenvolvida no âmbito escolar alimentou a necessidade de adaptação dos indivíduos aos projetos sociais dominantes. No início do século XX, a influência da tendência pedagógica conhecida como *Escola Nova* influenciou no sentido da privatização da cultura lúdica do nosso povo e na legitimação da recreação como instrumento-meio para o ensino de outros saberes escolares. A sedimentação do *capitalismo* contribuiu para a legitimação da recreação como mercadoria a ser consumida no lazer; e a *Era da Informação – da Sociedade em Rede* – tem modificado a operação e os resultados dos processos produtivos e também das experiências educativa, de poder, de cultura e, conseqüentemente, de lazer (Pinto, 2001).

Nessa história, a “recreação orientada” tem o objetivo de organizar o tempo de lazer das pessoas, especialmente das crianças, dos jovens e da massa trabalhadora, na tentativa de mantê-los nos limites das normas morais e dos valores

4 A expressão “tempo livre” é usualmente empregada pelos sociólogos do lazer referindo-se a um tempo liberado do trabalho. Para Marcellino (1995), “tempo disponível” é expressão que diz respeito não só ao tempo de não-trabalho, mas também liberado de outras obrigações – familiares e sociais –, tempo que destaca a qualidade das ações nele desenvolvidas.

estabelecidos socialmente, por meio de diferenciadas intervenções considerando-se cada grupo e camada sociais.

Com este propósito, é difundida a educação orientada para o ensino de jogos e brincadeiras disseminados em manuais de ensinar fazer/brincar como no livro *200 Jogos Infantis*, de Nicanor Miranda (1993), cuja primeira edição data de 1948⁵.

Estas orientações pedagógicas destacam a verticalidade na organização e no controle das ações, bem como o sentido hedonístico das experiências de educação para o lazer na escola, que traduzem três idéias/estratégias principais. Inicialmente, essa vivência é fundada no prazer pela “atividade com o fim em si mesma”, ou, em seguida, é considerada como “atividade/meio” para o ensino-aprendizagem de outros conteúdos escolares. Nesses dois sentidos, a recreação, em geral, não integra os currículos como objeto da educação e também não é considerada como parte de objetivos educacionais explicitados. Em terceiro lugar, é destacada a recreação como “liberdade vigiada” – confundindo a orientação e a motivação com um simples “deixar fazer” e a “omissão” com facilidades para “liberdade de expressão” (Marcellino, 1995; Pinto, 2000)⁶.

Procurando minimizar os perigos causados pelo tempo ocioso, a “recreação orientada” ganhou uso social mais amplo como eficiente estratégia de controle social, conforme convinha aos valores de cada época. Representou, ainda, a própria organização social do lazer, confundindo as lutas sociais pelo direito ao lazer (dimensionado em termos das conquistas de tempo livre pelos trabalhadores assalariados) com “o direito”, ou a “necessidade”, dos segmentos populares à recreação (Werneck & Pinto, 2000).

Desta forma, o lazer é entendido como tempo “livre”, não sério, “vazio”, que, para ser levado a sério, deveria ser ocupado com atividades recreativas, orientadas para a organização da produção e do consumo de entretenimentos.

Integrando as políticas educacionais de preparação para a vida adulta de obrigações, de produção e de consumo, o lazer passa a ser valorizado e rentabilizado

5 É interessante observar que Roger Callois (1988) entende que jogo, brinquedo, brincadeira e festa fundam-se no sentido lúdico, com a diferença de que na festa predomina a categoria do excesso, do transbordamento da alegria, sentido que não encontra lugar no jogo da institucionalização da recreação no Brasil.

6 Discutindo estratégias de educação para o lazer na escola, Marcellino (1995 e 1990) destaca os “famigerados dias de lazer” impostos pelos calendários, as incontáveis “festas”, que de festa pouco têm, revelando a busca de sentidos educativos fundados em visões moralista, utilitarista e compensatória do lazer.

ao máximo. Noutra sentida, muda-se o enfoque da valorização do lazer como tempo futuro e inculca-se o entendimento de recreação/lazer como diversão sem memória, fundada na razão do ter e do viver emoções cada vez mais sensaciona- listas e imediatistas, envolvendo estusiasmados consumidores de todas as idades.

Neste contexto, o lazer expandiu-se em nossa sociedade, sobretudo no âmbito das repartições públicas (Marcellino, 1995). Além disso, desde a década de 1960, cresce o interesse tanto popular quanto científico no estudo de relações humanas e ações educativas que tratassem adequadamente as questões do lazer e da recreação⁷.

A disseminação das abordagens críticas em Educação no Brasil contribuiu para avanços nos estudos sistemáticos sobre o lazer em nosso meio⁸. Como parte de uma sociedade que investe em diferentes formas de multiplicação da rentabili- dade do tempo, de espaços e ações sociais, estudos críticos sobre o lazer reve- lam, dentre outros aspectos, como este passa a ser compreendido como meio de acumulação do capital econômico e capital cultural, como afirma Pierre Bourdieu (1998)⁹.

Também as reflexões de Michel de Certeau (1994) ajudam-nos a perceber como é urgente a necessidade de repensarmos como uma sociedade inteira não se reduz às redes de controle que se estendem por nosso meio social. Há, segun- do este autor, procedimentos mudos que jogam com os mecanismos de domina- ção e, não se conformando com eles, buscam alterá-los. Por exemplo, o consu- mo, diz De Certeau, não é uma ação passiva. Há uma reinvenção anônima que se dá na prática do uso dos produtos consumidos e que nos motiva a refletir sobre esta suposta passividade das pessoas.

7 Principalmente, nos cursos de graduação em Educação Física, desde 1962, estudos sobre recreação/ lazer são desenvolvidos, agregando estudiosos de diferentes áreas (Pinto, 1992).

8 Embora a obra *Lazer Operário* de Acácio Ferreira, publicada em 1959, seja reconhecida como o marco inicial das reflexões sobre o lazer em nosso país – situando-o de acordo com as características peculiares ao contexto brasileiro, especialmente considerando a realidade dos operários baianos – somente anos mais tarde essa temática ganhou espaço entre nossos pesquisadores. O sociólogo Joffre Dumazedier foi a grande referência para os estudos brasileiros sobre o lazer ao longo dos anos 1970/1980, e suas idéias, até hoje, estão presentes na maioria das considerações sobre o tema. Suas discussões expressam a vontade em definir o lazer, compreendê-lo e analisá-lo, situando-o para além das delimitações do tempo liberado do trabalho, ou de atividades recreativas com fins em si mesmas (Pinto, 2001).

9 O capital cultural, disposição objetivada, incorporada, é produto de acumulação. Produto social que age a me diferenciar dos outros; que, como disposição, age a racionalizar todas as esferas da existên- cia; sempre como disposição em relação a alguma coisa, interessada em algo (Bourdieu, 1998).

Marcellino (1995) salienta que, apesar do entendimento de que a educação para o lazer no Brasil vem destacando o sentido de disposições como adaptação a sistemas de estruturas objetivas do mundo, ela gera saberes e valores que podem subverter a ordem dominante nesta mesma sociedade, sinalizando para um segundo modo de entender a educação para o lazer em nosso meio.

EDUCAÇÃO PARA O LAZER: SEGUNDA TENDÊNCIA

Articulada à experiência da recreação como *recreate*, uma segunda tendência da educação para o lazer o concebe como fenômeno social e componente da cultura historicamente situada, vivenciada em tempo e espaços disponíveis para a vivência lúdica (Marcellino, 1995).

Concebendo o lazer com o sentido de vivência de tempos e lugares disponíveis à cultura lúdica, resalto a importância do lazer como espaço educativo construído por meio de interações prazerosas centradas no sujeito Pinto (1998). Fundamentada em estudos de Paulo Freire (1998 e outros), entendo que o lazer, nesse sentido, é, sobretudo, exercício de liberdade na ressignificação de tempos e lugares, bem como na recriação de objetos, materiais e vivências. O sujeito ocupa o lugar central na vivência lúdica, que nasce dele, da sua curiosidade e capacidade crítica e criativa de transformar o desejado em algo possível – provoca sua imaginação, sua vontade, seu poder de escolha e de decisão sobre as regras e as arquiteturas dos desafios.

O lazer estimula, nesse sentido, a repetição sensível e consciente das suas possibilidades, bem como a superação dos riscos escolhidos e limites enfrentados, envolvendo sujeitos que levam a sério o que acontece no processo de “lazerar”¹⁰. Por isso, é enganoso pensar que o lazer é alienante da problemática social. O desejo do lazer, necessariamente, leva o sujeito a administrar conflitos não para abafá-los ou maquiá-los, mas para desvelar suas resistências e, a partir delas, anunciar utopias¹¹ (Pinto, 1995).

10 Entendo conscientização como revolução nos modos de pensar, de ser e de relacionar, comprometida com a construção de uma sociedade democrática e inclusiva (Freire, 1977).

11 Para Paulo Freire, a utopia ancora-se no exercício da esperança. Mas a esperança sozinha não transforma o mundo; ela precisa da prática para tornar-se concretude histórica. Por isso, para ele uma das tarefas do educador ou educadora progressista é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos para a esperança; não se esquecendo que “há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança” (Freire, 1998, p. 80).

Nesta perspectiva, o lazer é reconhecido como um dos deveres de todo cidadão no sentido da transformação sociocultural, da propagação da vivência lúdica e garantia do direito de inclusão social no lazer aos sujeitos de todas as idades, gêneros, etnias, camadas sociais. Demanda, assim, uma educação conscientizadora da importância do lazer para a saúde, qualidade de vida, humanização das relações e conquista da cidadania.

Como espaço de produção cultural, de vivência de valores e campo de política educativa cidadã, o lazer destaca a importância da educação continuada, considerando o envolvimento social e cultural dos sujeitos ao longo de toda sua vida.

MAS, CONSIDERANDO ESTA SEGUNDA TENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO PARA O LAZER, O QUE É IMPORTANTE CONSIDERAR NA FORMAÇÃO DOS EDUCADORES E DAS EDUCADORAS?

Esperando contribuir com a ressignificação da formação de educadores e educadoras no sentido dos desafios colocados pela tendência crítica de educação para o lazer, apresento um *corpus* em construção que registra saberes e competências que julgo necessários a educadores e educadoras comprometidos com a formação de cidadãos autônomos e lúdicos e coletividades democráticas.

Os registros a seguir falam, pois, de redes de significação das minhas experiências como educadora no lazer, mas o que tenho analisado e descoberto, precisa contar com a possibilidade de construção de novas relações com significados da experiência educacional de cada um que dialoga comigo neste momento.

A ressignificação do tempo e do espaço cultural de lazer	
Desafios	Descobertas
<p>Conhecer as características culturais de organização temporal do cotidiano e, a partir delas, as possibilidades e os limites para o lazer</p>	<p>Realização de orçamentos-tempo, tendo em vista a conscientização dos sujeitos para a necessidade do lazer e o levantamento de interesses e demandas para o lazer.</p> <p>Reestudo dos horários urbanos, buscando a redução do tempo gasto com deslocamentos nas cidades e a ampliação do tempo disponível para o lazer.</p> <p>Reorganização da cultura escolar, ampliando o tempo disponível para o lazer e integrando o lazer às atividades curriculares.</p> <p>Realização de planejamentos flexíveis quanto ao tempo disponível para as vivências de lazer.</p> <p>Realização de planejamentos flexíveis, considerando as necessidades especiais quanto ao tempo de diferentes sujeitos e grupos (idosos, trabalhadores, donas de casa, estudantes etc).</p> <p>Planejamento participativo com a comunidade, tendo em vista a ampliação das condições de disponibilidade de tempo para o lazer em relação ao maior consumo possível de diversificadas atividades culturais no lazer.</p>
<p>Analisar a importância da reordenação e ressignificação do tempo diário de modo a ampliar possibilidades de vivência do lazer</p>	<p>Promoção de vivências de lazer em tempos diferentes, tendo em vista ampliar o envolvimento do maior número de sujeitos (promover eventos de impacto, de apoio e permanentes).</p> <p>Garantia de espaços e equipamentos com frequência livre para o lazer (o tempo não é fixo, mas definido em função da vivência e do acesso maior possível dos sujeitos).</p> <p>Descentralização das ações de lazer (ações mais próximas às regiões residenciais), otimizando o tempo disponível dos sujeitos para o lazer.</p> <p>Criação de unidades móveis de lazer com equipamentos necessários e educadores/educadoras tendo em vista otimizar o tempo disponível dos sujeitos e difundir vivências diversificadas de lazer em locais carentes de equipamentos adequados para o lazer.</p>

(continua)

(continuação)

Desafios	Descobertas
<p data-bbox="389 658 561 1003">Analisar sentidos da disponibilidade de espaços e equipamentos Ampliar, diversificar e democratizar possibilidades de espaços e equipamentos disponíveis ao lazer</p> <p data-bbox="389 1173 561 1518">Compreender e promover proteção, conservação, preservação e melhoria do meio ambiente, compatibilizando-o com o desenvolvimento social e as vivências de lazer</p>	<p data-bbox="580 501 1208 640">Reflexão sobre noção de disponibilidade de espaços e equipamentos de lazer, considerando-os não como específicos ou adaptados, ou como espaços que precisam ser ocupados por estar vazios ou ociosos. A disponibilidade dos espaços e equipamentos para o lazer acontece quando estes são ludicamente apropriados.</p> <p data-bbox="580 647 1208 730">Criação de equipamentos e espaços com possibilidades de vivências físico-esportivas, intelectuais, artísticas, manuais, sociais e turísticas.</p> <p data-bbox="580 736 1208 819">Otimização dos espaços e equipamentos para vivência de lazer na comunidade por meio de gestão intencionalizada e participativa dos seus membros.</p> <p data-bbox="580 826 1208 882">Criação de contratos de administração e de uso do espaço público para o lazer.</p> <p data-bbox="580 889 1208 945">Otimização do acesso aos espaços/equipamentos das regiões residenciais para vivências de lazer.</p> <p data-bbox="580 952 1208 1008">Previsão de espaços de lazer nas regiões residenciais na legislação de uso e ocupação do solo.</p> <p data-bbox="580 1014 1208 1070">Criação de parques em ação integrada, reunindo administradores municipais, arquitetos, engenheiros, artistas e comunidade.</p> <p data-bbox="580 1077 1208 1182">Qualificação arquitetônica dos espaços/equipamentos da comunidade de modo a ampliar condições de vivências de lazer (considerar os elementos arquitetônicos: ritmo, cor, textura, acessibilidade, luz, dimensão, escala, forma, paisagismo, tecnologia e custos).</p> <p data-bbox="580 1189 1208 1245">Aproveitamento do potencial lúdico de praias, rios, florestas e áreas livres nas cidades.</p> <p data-bbox="580 1252 1208 1279">Proteção ao patrimônio cultural e ambiental.</p> <p data-bbox="580 1285 1208 1391">Relação pedagógica criativa na construção dos espaços educativos (arrumação, organização, vivência lúdica nas relações espaciais, humanização do espaço com retratos, registros, objetos, dentre outros).</p> <p data-bbox="580 1397 1208 1480">Vivência de lazer integrada com vários espaços-tempo do ensino escolar: nos múltiplos espaços da escola, na rua e em vários locais da cidade.</p> <p data-bbox="580 1487 1208 1570">Transformação do espaço escola em centro cultural lúdico, dando seiva e vitalidade ao potencial cultural da comunidade na qual se situa.</p> <p data-bbox="580 1576 1208 1637">Manutenção de espaços e equipamentos para o lazer, preservando condições de segurança e bem-estar dos usuários.</p>

Lazer: gestão de alegrias e conflitos	
Desafios	Descobertas
Vivenciar o lazer consciente da sua importância para a cidadania, a saúde, a qualidade de vida e a humanização das relações	<p>Reconhecimento do sujeito enquanto corpo totalidade expressiva – emocional, espiritual, intelectual, agente de cultura e de transformação cultural: ser que vive um aqui e agora como um construtor de mundo; sujeito da sua história, que vive um tempo especial de ser em desenvolvimento pessoal e social; sujeito de direito cujo potencial é multidimensional e que precisa desenvolver-se em relações educativas com qualidade participativa.</p> <p>Investimento na conscientização do lazer como direito e dever de todo cidadão.</p> <p>Análise da relação lazer – educação – saúde – cidadania a partir dos requisitos para a qualidade de vida previstos, em 1995, pela Organização Mundial da Saúde (Ribeiro, 1998), considerando interações como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • o lazer é um dos meios de alto grau de participação social, que é um dos requisitos para a qualidade de vida e para a conquista do direito político; • a satisfação das necessidades básicas e o acesso a experiências, aos bens culturais construídos pela humanidade, a recursos, contatos e interações são requisitos de qualidade de vida estreitamente articulados ao lazer como direito social reconhecido pela nossa Carta Magna; • o respeito pela herança biológica e cultural do cidadão, outro requisito de qualidade de vida, remete-nos à discussão do lazer como um dos meios de garantia do direito civil, direito à liberdade.
Ampliar condições para a inclusão nas vivências do lazer	<p>Discussão sobre a integração do lazer em todas as ações educativas formais e não formais.</p> <p>Formação de grupos de estudos sobre o lazer aberto a toda comunidade.</p> <p>Desenvolvimento de ações educativas conscientizadoras críticas e criativas.</p> <p>Análise e promoção de legislação (a lei não pode ser vista como proibição, mas como efetiva participação das pessoas, grupos e/ou instituições).</p> <p>Gestão de ações de lazer por meio de conselhos deliberativos.</p> <p>Adequação da qualidade à quantidade na promoção das ações de lazer.</p>
Organizar equipes gestoras de vivências de lazer com representatividade de diferentes grupos, instituições e faixas etárias	

(continua)

(continuação)

Desafios	Descobertas
Buscar qualidade e melhores resultados para as ações desenvolvidas no lazer	<p>Ampliação de espaços de liberdade (desejar, planejar, construir, consumir) na construção de vivências de lazer.</p> <p>Planejamentos de vivências participativas de lazer co-gestadas com a comunidade.</p> <p>Planejamento com base em diagnósticos atualizados (demandas, necessidades, potencialidades, limites e possibilidades) de modo a contribuir com tomadas de decisões referentes às prioridades e a alocação de recursos.</p> <p>Ampliação do atendimento aos interesses culturais das diferentes faixas etárias e à necessidade de integração entre as pessoas das diferentes idades.</p> <p>Ampliação da acessibilidade das pessoas com necessidades especiais às vivências desenvolvidas.</p> <p>Valorização dos saberes dos sujeitos envolvidos nas vivências de lazer e da cultura local.</p> <p>Formação de grupos de interesses, mobilizando diferentes conteúdos culturais no lazer.</p> <p>Ampliação da participação por meio de eventos que oportunizem o fazer perceber, o fazer construir, o fazer saber.</p> <p>Construção de experiências que somem idéias de vários grupos e pessoas (poesia, pensamento científico, arte, técnicas, imaginação).</p> <p>Promoção de intercâmbio de serviços e setores da municipalidade.</p> <p>Criação de programas de lazer, alicerçando parcerias entre setores público e privado.</p>
Desenvolver projetos de lazer com honestidade e transparência administrativa	<p>Desenvolvimento de relações públicas e divulgação das possibilidades de lazer por diferentes canais.</p> <p>Garantia da capacitação continuada de educadores para atuar em ações educativas para o lazer.</p> <p>Formação de agentes comunitários para gestão de projetos de lazer em ações multiplicadoras na comunidade.</p> <p>Envolvimento de estagiários universitários nas ações educativas para o lazer.</p> <p>Ampliação de orçamentos destinados ao lazer, avaliando-se o custo-benefício no estabelecimento das prioridades orçamentárias para estes projetos, priorizar ações com base em fatores qualitativos e quantitativos considerando os benefícios sociais, o público alvo, a urgência, a minimização de desigualdades sociais e a inclusão, dentre outros critérios.</p>

(continua)

(continuação)

Desafios	Descobertas
Considerar os problemas vividos nas ações de lazer como desafios e oportunidades de aprendizado	<p>Criação de campanhas de conscientização sobre a importância do lazer, envolvendo toda comunidade.</p> <p>Busca de qualidade política nas ações de lazer (em função dos fins da cultura lúdica) e qualidade formal (em função dos meios adequados para as implementações desta construção).</p> <p>Desenvolvimento de todas as ações de modo dialogado.</p> <p>Criação de mecanismos variados de comunicação entre escola e comunidade, educadores e educandos (jornal, mural, circulares, <i>folders</i>, revistas, teatro, vídeos).</p> <p>Expansão do conceito de segurança. Desmilitarização da noção de segurança e valorização da defesa civil, a confiança mútua, as ações educativas conscientizadoras em relação às contradições e possibilidades de lazer, à equidade, à importância da alegria na convivência com o outro.</p> <p>Realização e divulgação de avaliações sistemáticas das vivências de lazer.</p>
Mediar, prevenir, negociar e conscientizar nas vivências de lazer	<p>Superação do entendimento de lúdico e lazer referindo-se apenas ao prazer, à alegria, sem a presença de conflitos.</p>
Redistribuir poder entre diretores, professores, alunos pais, comunidade e outros sujeitos envolvidos nas vivências de lazer	<p>Gerenciamento dos conflitos vividos em relação ao lazer como: distância muito grande entre o que é vivenciado nas instituições e fora delas; resistência e receio dos adultos em brincar por medo, por não levá-lo a sério ou por insegurança na participação desta vivência; conceito restrito de sala de aula; dificuldades de interação entre diferentes profissionais e lideranças; administração do lazer na perspectiva do controle e da disciplina; dificuldade de ressignificação do sentido de regras; controle de regras sem reflexão; ação dos educadores desvinculada das ações dos educandos; falta de espaços disponíveis para o lúdico nas instituições de modo a não interferir no andamento das outras atividades ali desenvolvidas; desconhecimento da realidade dos educandos; consideração da ação motora destes como indisciplina, tumulto, desatenção, irritação e outros.</p>

A educação formal ou não-formal para o lazer requer competências indispensáveis aos educadores e educadoras. Por isso, como parte final da reflexão que construo no presente texto, articulo análises que venho desenvolvendo sobre este assunto (Pinto, 1995, 1996, 1998) com argumentos tecidos por Gauthier e outros estudiosos do ensino (1998) sobre idéias preconcebidas que apontam para visões restritas do desafio pedagógico.

A síntese dessas idéias ressalta que a formação de educadores e educadoras para o lazer se dá concomitantemente com a construção de saberes e de competências como:

I. Competências referentes ao comprometimento com os valores inspiradores da sociedade democrática

- *Não basta ter animação* – A alegria precisa estar aliada à competência político-democrática; precisa ter clareza de seus fins. Não pode ser ingênua. A vivência lúdica expande-se em diferentes formas de representação, de organização e de relações nas quais cada jogador partilha alegrias e tristezas e constrói referências básicas de sua identidade, da consciência de si e de formas de pertencimentos no mundo em que vive.
- *Não basta ter bom senso* – O bom senso supõe que haja apenas um senso – o “bom”. No entanto, a modernidade nos ensinou que o senso é plural, que a educação e o lazer são lugares de conflitos, que não há como desqualificar a posição do outro. É preciso, por isso, ter disponibilidade para o diálogo. Saber escutar. Como campo de trocas fundadas no diálogo, a vivência lúdica assume o outro jogador como categoria fundamental para a experiência a ser construída e o lazer como espaço de constituição de sujeitos e de produção de contextos.
- *Não basta ter talento* – O talento é indispensável ao exercício de qualquer vivência que busca qualidade, mas, na ótica da qualidade lúdica, precisa ser aliado à reflexão e aos princípios da ética democrática: dignidade humana, justiça, respeito mútuo, participação, responsabilidade, solidariedade. Por isso, os sujeitos lúdicos ficam atentos às diferenças individuais e aos mínimos detalhes da ação, buscando compreender, organizar e reorganizar suas proezas e saberes, reciclando e ampliando habilidades, destrezas e estratégias que valorizem os talentos dos parceiros e seu “jogo de cintura” para exercitar regras e leis, lidando com possibilidades e limites.

2. Competências referentes à compreensão do nosso papel social na educação para o lazer

- *Não basta ter intuição* – A intuição implica, em última análise, ouvir a própria consciência, arriscando-se a ir de encontro à sua própria razão. Não há como abandonar o senso crítico e desenvolver reflexões contínuas sobre os saberes e as experiências construídas. É preciso discutir os próprios valores, os dos outros e os do contexto social histórico. Daí a importância da pesquisa e da reflexão filosófica para a apreensão da realidade. O lazer é uma rica oportunidade para experimentarmos os desdobramentos da nossa compreensão sobre as coisas, o mundo e as relações, vivendo os requintes apaixonantes da nossa sensibilidade.
- *Não basta ter cultura* – De que sentido de cultura falamos? Da “alta” cultura? Da “cultura de massa”? Da “cultura popular”? Precisamos saber um pouco mais sobre as referências culturais dos nossos contextos educativos; compreender as relações entre o processo educativo vivido na escola, em outros contextos educativos e o contexto sociocultural mais amplo em que estão inseridas essas práticas educativas; promover uma prática educativa que leve em conta as características dos educandos, de seu meio social, seus temas e necessidades do mundo contemporâneo; motivar a formação de grupos de interesses culturais no lazer, criando condições para a diversificação e a democratização de múltiplas vivências de conteúdos culturais, ampliando possibilidades para os sonhos, as experiências, as apropriações e as recriações de saberes. O lazer é um dos lugares dos nossos projetos e aventuras, momento de nos expandirmos em todo tipo de expressão e de viver a unidade entre o que sentimos, pensamos e fazemos.

3. Competências referentes ao domínio dos conteúdos a serem socializados, de seus significados em diferentes contextos e articulações interdisciplinares

- *Não basta saber conteúdos* – Não basta que o educador e a educadora tenham conhecimentos sobre lazer. É preciso que saibam mobilizá-los, transformando-os em ação. O domínio de conhecimentos específicos no campo do lazer deve ser articulado com questões envolvidas com a vivência do lazer e a identificação de alternativas de resolução de dificuldades surgidas nessas concretizações. A ampliação e o aprofundamento de conhecimento são, pois, traços definidores da relação entre lazer, educação e socialização para a cidadania. Falo do conhecimento não como produto acabado e fechado em si mesmo, mas como aquele que instiga

a busca de novos conhecimentos, por isso é crítico e criativo, ciente de sua história e integrado à realidade, que é multifacetada. O lazer como campo de experiências interdisciplinares é um espaço de convergência de projetos e ações de especialistas e educadores de diferentes áreas: administradores, artistas, técnicos, pesquisadores, líderes comunitários e outros que se congregam nas buscas lúdicas. Juntos, ensinam, aprendem, criam e recriam ações e saberes, fortalecendo parcerias, otimizando intervenções.

- *Não basta ter experiência* – As experiências vividas precisam ser potencializadas com o desenvolvimento da criatividade, da curiosidade, da busca do novo. Neste sentido, é fundamental a busca da autonomia dos educandos nas tomadas de decisões sobre a eleição dos conteúdos, abordagem metodológica, criação de diferentes tempos e espaços de vivência lúdica, mobilização de recursos múltiplos desvelados nas interações culturais lúdicas, não se esquecendo da importância da riqueza das diferentes experiências dos educadores, educadoras e educandos os sujeitos têm experiências diferenciadas. Na educação pelo e para o lazer, é importante valorizar a história do outro – o que traz – e a recriação cultural coletiva. Além disso, não dá para pensar que a educação pelo e para o lazer ocorre na prática – errando e acertando. O saber experiencial precisa ser alimentado com outros saberes, que podem servir de apoio para novas reinvenções e de trocas de experiências que fortalecem lideranças e equipes interdisciplinares.

4. Competências referentes ao domínio do conhecimento pedagógico, ao conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica e ao gerenciamento do próprio desenvolvimento de ações educativas lúdicas

- *Não basta ter o domínio técnico* – A educação pelo e para o lazer não pode ocorrer alheia à formação moral fundada na ética lúdica e no gosto estético, bem como no conhecimento de processos de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica; não pode ser alheia à participação coletiva e cooperativa na elaboração, gestão, desenvolvimento e avaliação dos projetos educativos. Nas atividades lúdicas, os sujeitos brincantes são parceiros, cúmplices e co-responsáveis pelo jogo – deles nascem as formas de organização dos riscos, as táticas, as técnicas de superação dos limites e de expressão de diferentes formas estéticas do conteúdo cultural experienciado. Eles constroem mecanismos lógicos

de uso de espaço e tempo, expandindo-se neles e ampliando-os como espaços de liberdade.

A formação aqui discutida – saberes e competências –, em síntese, enfatiza o reconhecimento do outro e do lazer como construção compartilhada por todos os sexos, idades, etnias, camadas sociais e sujeitos portadores de necessidades diversas. A alegria que se constrói nesse compartilhar é a totalidade do sujeito que sente, compreende e age, mudando algo no mundo. E, complementa o autor, quem ousa falar em alegria lança-se em uma encruzilhada de dificuldades em relação à própria satisfação. Além disso, essa satisfação é em relação à luta para que o maior número de sujeitos a conquiste.

Formation of male and female educationists for leisure:
knowledge and competences

ABSTRACT: The aim of this study is to analyse senses of education for leisure in the Brazilian scholar field, through the discussion of fundamental knowledge and competences for the formation of male and female educationists. Starting from two educational tendencies, initially identified, this study, in a second stage, analyses the knowledge and competences which have been challenging the formation of male and female educationists for acting on leisure, regarding it as a social phenomenon, component of the historically situated culture, concerned in time and space available for playing.

KEYWORDS: Education; leisure; formation of male and female educationists.

Formación de educadores e educadoras para el ocio;
saberes y competencias

RESUMEN: El objetivo de este estudio es analizar sentidos de la educación para el ocio en la escuela brasileña, teniendo en vista discutir saberes y competencias fundamentales para formación de educadores e educadoras. A partir de dos tendencias inicialmente identificadas, el estudio, en uno segundo momento, analiza saberes y competencias que tienen desafiado el fenómeno social, componentes de la cultura historicamente situada, vivida en tiempo y espacio disponibles para el juego.

PALABRAS CLAVES: Educación; ocio; formación de educadores y educadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. São Paulo: Tecnoprint, 1988. 128 p.
- CALLOIS, R. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988. 180 p.
- DE CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano; artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Aloes. Petrópolis: Vozes, 1994. 351p.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia; saberes necessários à prática educativa*. 9. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 165 p.
- _____. *Cartas à Guiné Bissau*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 172 p.
- GAUTHIER, Cl. et al. *Por uma teoria da pedagogia; pesquisas contemporâneas sobre o saber docente*. Trad. Francisco Pereira de Lima. Ijuí: Unijuí, 1998. 480 p.
- GOHN, M. da G. *Educação não-formal e cultura política*. São Paulo: Cortez, 1999. 120 p.
- MARCELLINO, N. C. *Lazer e educação*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995. 164 p.
- _____. *Pedagogia da animação*. Campinas: Papirus, 1990. 149 p.
- MIRANDA, N. *200 jogos infantis*. 13. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993. 294 p.
- MUNNÉ, F. *Psicologia del tiempo libre: un enfoque crítico*. Ciudad del México: Trillas, 1980.
- PINTO, L. M. S. de M. Lazer; Dicionário crítico. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 7, jul./ago. 2001.
- _____. A escolarização da recreação na educação brasileira. *Congresso de Educação Física E Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa*, 8, Lisboa/Portugal, 2000. *Anais...*
- _____. Lazer; concepções e significados. *Revista Licere*, Celar/UFMG, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 18-27, 1998.
- _____. A construção da interdisciplinaridade do lazer; experiência política da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. In: Marcellino, N. C. (Org.). *Políticas públicas setoriais de lazer; o papel das prefeituras*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- _____. Do jogo e do prazer. *Revista Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 1, n. 4, p. 42-53, jul./ago. 1995.
- _____. *A recreação/lazer e a educação física; a manobra da autenticidade do jogo*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Campinas: Unicamp, 1992. 127 p.
- RIBEIRO, M. A. *Ecologizar; pensando o ambiente humano*. Belo Horizonte: Rona Editora, 1998. 390 p.

WERNECK, C.; PINTO, L. M. Recreação e lazer no Brasil; desafios para novas concretizações educativas lúdicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 12, Balneário Camboriú, p. 440-454, 2000. Coletânea.

WERNECK, C. *Lazer, trabalho e educação*; relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Editora da UFMG/Celar – Centro de Estudos do Lazer e Recreação da UFMG, 2000. 390 p.